

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.v33.n.66.s16671>

CRENÇAS, AUTOEFICÁCIA E ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES DIANTE DO BULLYING

Geisy Lanne Muniz Luna, Ana Carina Stelko-Pereira, Dayse Lorrane Gonçalves Alves, Steffany
Rocha da Silva, Bruna Rodrigues Nunes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2639>

Submetido em: 2021-07-12

Postado em: 2021-07-21 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

CRENÇAS, AUTOEFICÁCIA E ESTRATÉGIAS DE PROFESSORES DIANTE DO BULLYING

GEISY LANNE MUNIZ LUNA¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3906-8964>

ANA CARINA STELKO-PEREIRA²

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8089-132X>

DAYSE LORRANE GONÇALVES ALVES³

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8439-1066>

STEFFANY ROCHA DA SILVA⁴

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3779-0977>

BRUNA RODRIGUES NUNES⁵

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5611-5278>

RESUMO: Buscou-se identificar e relacionar as ocorrências de violência que envolvem estudantes e professores, as estratégias utilizadas por esses professores para o enfrentamento do bullying e as suas crenças e percepção de autoeficácia para intervir nesse problema. Estudo transversal, com abordagem descritiva e analítica, realizado em 2018, com 46 professores de Guaiúba, Ceará. Foram aplicados três questionários. Identificou-se que existe prevalência significativa de violências nos ambientes das escolas, com predominância de violência indireta e verbal quando se trata de agressões de alunos a professores. Notou-se que as estratégias de chamar atenção, discutir com a turma possíveis soluções e confortar o aluno são mais frequentes quando o problema ocorre na sala de aula. Professores que foram autores de bullying na infância concordam mais com crenças normativas ($p=0,04$) e de aprendizagem ($p=0,03$), enquanto professores que foram vítimas acreditam que as estratégias de esquiva são inadequadas ($p=0,02$). Portanto, é necessária a identificação das percepções, crenças e do histórico de envolvimento em bullying de professores para a construção de programas mais eficazes de enfrentamento da violência escolar.

Palavras-chave: violência, bullying, professores, estudantes, estratégias.

BELIEFS, SELF-EFFECTIVENESS AND STRATEGIES OF TEACHERS FACING BULLYING

ABSTRACT: This study identified and related violence involving students and teachers, teachers bullying intervention strategies, and their beliefs and perception of self-efficacy to intervene in this problem. With a descriptive and analytical approach, a cross-sectional study was carried out in 2018 with 46 teachers from Guaiúba, Ceará. Three questionnaires were applied. There is a significant prevalence of violence in school environments, with a predominance of indirect and verbal violence regarding aggression from students to teachers. The strategies to draw attention, discuss possible solutions with the class, and comfort the student are more frequent when the problem occurs in the classroom than in the schoolyard. Teachers who were perpetrators of bullying in childhood agree more with normative ($p=0,04$) and learning beliefs ($p=0,03$), while teachers who were victims believe that avoidance strategies

¹ Fundação Regional de Saúde. Coordenadoria de Ensino e Educação Permanente. Fortaleza, Ceará (CE), Brasil. <geisylanne@hotmail.com>

² Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná (PR), Brasil. <anastelko@ufpr.br>

³ Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná (PR), Brasil. <daysealves@ufpr.br>

⁴ Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará (CE), Brasil. <steffanyrocha.psicologia@gmail.com>

⁵ Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará (CE), Brasil. <bruna.nunes@aluno.uece.br>

are inadequate ($p=0,02$). Therefore, it is necessary to identify teachers' perceptions, beliefs, and history of bullying involvement to build more effective programs to combat school violence.

Keywords: violence, bullying, teachers, students, strategies.

CREENCIAS, AUTOEFICACIA Y ESTRATEGIAS DE LOS PROFESORES ANTE EL ACOSO ESCOLAR

RESUMEN: Este estudio buscó identificar y relacionar las ocurrencias de violencia que involucran a estudiantes y profesores, las estrategias utilizadas por los profesores para enfrentar el bullying y sus creencias y percepción de autoeficacia para intervenir en este problema. Estudio transversal, con enfoque descriptivo y analítico, realizado en 2018 con 46 profesores de Guaiúba, Ceará. Se aplicaron tres cuestionarios. Se identificó que hay una prevalencia significativa de la violencia en los entornos escolares, con un predominio de la violencia indirecta y verbal cuando se trata de agresiones de los alumnos a los profesores. Se observó que las estrategias de llamar la atención, discutir las posibles soluciones con la clase y consolar a los alumnos son más frecuentes cuando el problema se produce en la clase. Los profesores que fueron autores de acoso en la infancia están más de acuerdo con las creencias relacionadas con la normativa ($p=0,04$) y el aprendizaje ($p=0,03$), mientras que los profesores que fueron víctimas creen que las estrategias de evitación son inadecuadas ($p=0,02$). Por lo tanto, es necesario identificar las percepciones, las creencias y el historial de participación de los profesores en el acoso escolar para crear programas más eficaces para abordar la violencia escolar.

Palabras clave: violencia; acoso escolar; profesores, estudiantes, estrategias.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema das escolas em todo o mundo e é, portanto, um tema de pesquisa de interesse internacional (BURGER et al., 2015; STROHMEIER; NOAM, 2012; VEENSTRA et al., 2014). Trata-se de uma problemática social e de saúde que se caracteriza pela emissão de comportamentos agressivos e antissociais no ambiente das escolas, nos seus arredores ou no trajeto casa-escola. Este fenômeno manifesta-se por meio de agressões físicas, psicológicas, sexuais e/ou patrimoniais e pode envolver estudantes, professores, funcionários, gestores, familiares e moradores da localidade onde a escola situa-se (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, 2010). A ocorrência frequente dessa violência afeta negativamente a saúde e a qualidade de vida de toda a comunidade escolar (OLWEUS, 2013).

Nesse contexto, o bullying apresenta-se como uma das principais categorizações de violência escolar e é definido por ações negativas, intencionais e repetitivas de estudantes em relação a outros, que ocorrem com base na desigualdade de poder entre o(s) autor(es) e sua vítima. Quanto à tipologia, pode ser direto, quando ocorre de forma evidente e na presença da vítima, ou indireto, efetivando-se por meio de ameaças difamação e/ou exclusão de indivíduos dos grupos sociais. Os estudantes podem envolver-se como autores, vítimas, autores-vítimas ou testemunhas (OLWEUS, 2013).

Esse tipo de violência entre pares pode gerar graves consequências sociais e de saúde às crianças e adolescentes, como transtornos depressivos e ansiosos, sintomas psicossomáticos, ideação e tentativa de suicídio, isolamento social, irritabilidade, agressividade e baixo rendimento acadêmico (ARSENEAULT, 2017; FANTAGUZZI et al., 2018). Adicionalmente, estudos de coorte demonstraram que a vitimização por bullying está associada a um maior uso de medicação psicotrópica e de hospitalizações psiquiátricas durante o início da idade adulta (SOURANDER et al., 2016), bem como ao uso de serviços de saúde mental por cerca de cinco décadas de vida dos indivíduos (EVANS-LACKO et al., 2017).

Estudo realizado em 83 países de baixa, média e alta renda, a partir de levantamentos do Global School-based Student Health Survey (GSHS), de 2003 a 2015, mostrou que a prevalência de vitimização por bullying em estudantes foi de 30,5% (IC95%: 30,2-31,0%) (BISWAS et al., 2020). O último levantamento da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (IBGE, 2016) apontou que há um número significativo de estudantes brasileiros envolvidos em situações de bullying, sendo que 7,4% dos escolares afirmaram que na maior parte do tempo ou sempre se sentiram humilhados por provocações. Além disso, 19,8% dos estudantes afirmaram que intimidaram colegas, considerando os 30 dias anteriores à pesquisa.

Diante desse cenário, em novembro de 2015, foi sancionada, no Brasil, a Lei nº 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) para todo o território nacional (BRASIL, 2015). Esta Lei determinou o dever das instituições de ensino em assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática. Neste sentido, as escolas devem assumir o compromisso de utilizar estratégias de prevenção e de combate ao bullying, caso contrário, poderão ser responsabilizadas pelas práticas de intimidação e vitimização que ocorrerem em seus ambientes. É preciso que os educadores reconheçam o impacto das práticas de violência frequentes nas escolas para o crescimento e o desenvolvimento dos jovens. Assim como, é importante que as escolas implementem programas que preparem os professores e estudantes para o diálogo e o respeito mútuo e prevenção de bullying.

As intervenções e atitudes positivas dos professores no enfrentamento da violência escolar são estratégicas e essenciais para a redução e prevenção do bullying (VERSEVELD et al., 2019). De acordo com Stacio, Savage e Burgos (2016), as práticas de ensino, as relações estabelecidas dos pares em sala de aula e a interação professor e aluno são fatores contextuais que explicam as variações de vitimização em crianças do ensino fundamental. Assim, práticas de ensino coercitivas e que estimulam a competitividade, relações negligenciadas de desrespeito entre os pares e vínculo fragilizado entre professor e aluno contribuem para um aumento da vitimização de estudantes. Nessa perspectiva, o estudo de Mucherah et al. (2018) demonstrou que em escolas onde os alunos acreditam que os professores são efetivos em interromper o bullying, o índice de violência entre pares é menor.

Ainda no que se refere ao papel do professor, estudo realizado nos Estados Unidos, por Yoon e Kerber (2003), investigou o modo como os professores identificam o bullying, quais estratégias de intervenção utilizam, bem como se aspectos pessoais ou do contexto escolar interferem nesse processo de reconhecimento e de intervenção. Os resultados apontam que os professores eram mais propensos a intervir nas situações que consideravam mais graves ou vexatórias, tais como ataques físicos e verbais, por demonstrarem maior empatia com os alunos envolvidos nestes tipos de agressão.

Troop-Gordon e Ladd (2015), em um estudo sobre crenças acerca do bullying e da vitimização, apontaram que os conhecimentos dos professores, bem como as suas crenças, norteiam suas estratégias de resposta ao bullying, podendo contribuir para uma resposta ativa em prol da cessação da violência ou para uma postura omissa. Os autores identificaram a existência de três crenças gerais: 1) os alunos não seriam intimidados se se defenderem das agressões; 2) os alunos não seriam intimidados se evitassem o contato com os agressores; 3) o bullying constitui um comportamento normativo que ajuda na aprendizagem das normas sociais. Destaca-se que quando o professor não intervém no bullying, as vítimas interpretam que não estão seguras na escola e que é infrutífero solicitar a ajuda desse adulto referência (MUCHERAH et al., 2018). Dessa forma, é relevante conhecer as crenças dos professores em relação ao bullying e sua percepção de autoeficácia no enfrentamento desse problema para a construção de programas antibullying eficazes.

Neste contexto, Swift et al. (2017) construíram um programa de enfrentamento do bullying no ensino fundamental com foco na formação de professores e realizaram pesquisa para avaliar a eficácia desse programa. Este estudo demonstrou que a crença de autoeficácia dos professores em sala de aula está associada ao sucesso do programa, ou seja, a redução de bullying entre estudantes. Professores com alta autoeficácia têm maior confiança em sua capacidade de afetar o comportamento dos alunos e mostram maior persistência frente às dificuldades. Além disso, os professores são mais propensos a implementar o programa quando sentem que podem fazê-lo com facilidade e sucesso. A autoeficácia foi desenvolvida por meio do ensino de habilidades de gerenciamento do tempo e de sala de aula e de estratégias de enfrentamento do bullying.

Este estudo teve como objetivos: identificar e relacionar as ocorrências de violência que envolvem discentes e docentes, as estratégias utilizadas por professores para intervir no bullying e as crenças e percepção de autoeficácia de professores em relação ao enfrentamento do bullying.

MÉTODOS

Estudo transversal, com abordagem descritiva e analítica, realizado em outubro de 2018, no município de Guaiúba, região metropolitana de Fortaleza, Ceará, que se encontra a 26,1 km da capital cearense. A população do município é de 24.091 habitantes e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,652 (IBGE, 2019).

Há 25 instituições de ensino neste município, sendo 14 na zona urbana e 11 escolas na zona rural. Destaca-se que as avaliações realizadas pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) vêm ocorrendo sistematicamente e apresentando evoluções significativas, de modo que em 2017 atingiu o mesmo valor da nacional, ficando ambos com índices de 5,5 (INEP, 2019a).

A amostra deu-se por conveniência, assim, foram convidados todos os professores de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. A escolha do referido público-alvo justifica-se por ser este o nível de ensino que absorve a maior quantidade de professores da Educação Básica no Brasil (INEP, 2019b). Além disso, revisão sistemática apontou que intervenções antibullying têm se mostrado mais efetivas com crianças menores de 10 anos de idade (JIMÉNEZ-BARBERO et al., 2016). Soma-se a isso, que o ensino fundamental é uma etapa escolar de grande vulnerabilidade para a ocorrência de bullying (RETTEW, PAWLOWSKI, 2016; OLWEUS, 2003), especialmente, nos períodos de transição, como a passagem do ensino fundamental I para o fundamental II.

O projeto da pesquisa foi enviado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, onde recebeu aprovação para realização do estudo, segundo parecer 2.281.645. Todos os professores assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Enquanto os alunos referendaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e os seus pais ou responsáveis assinaram o TCLE.

Os professores responderam a três instrumentos:

- *Escala de Violência Escolar (EVE) - versão professor*: este instrumento foi elaborado por Stelko-Pereira (2012), sendo que empregou-se as escalas: a) frequência de vitimização de funcionários por alunos, cujas respostas dos participantes da presente pesquisa indicaram uma consistência interna de 0.64 e b) conhecimento de vitimização de alunos por alunos que obteve um alpha de Cronbach de 0.91 pela análise das respostas dos professores deste estudo.
- *Instrumento para investigação das práticas utilizadas por docentes diante da vitimização entre pares*: questionário elaborado por Cunha (2012) e Bergamo (2016), que tem como objetivo investigar as estratégias de ação utilizadas diante da vitimização entre pares. Este questionário é dividido em três partes. Inicialmente, são apresentadas duas vinhetas ilustradas com incidentes de agressão: a primeira situação (SIT1) se passa fora da sala de aula, sem a presença do professor, enquanto, na segunda cena (SIT2), a agressão se dá em sala de aula, com a presença do professor. Após cada vinheta, os professores são convidados a responder dois itens de questões fechadas. O primeiro item trata da percepção docente sobre: a necessidade de intervenção na situação; a gravidade do incidente; a autoeficácia para lidar com situações similares e a frequência de episódios similares em suas próprias escolas. Enquanto o segundo trata de possíveis estratégias de intervenção utilizadas pelos professores diante das ilustrações apresentadas nas vinhetas. São apresentadas 25 estratégias específicas aos professores para que respondam por meio de uma escala de quatro pontos: 1 – concordo totalmente; 2 – concordo; 3 – discordo; 4 – discordo totalmente.
- *Instrumento para investigação das crenças e percepção de autoeficácia dos professores em relação à vitimização e ao bullying*: questionário elaborado por Cunha (2012) e Bergamo (2016) com base no trabalho de Kochenderfer-Ladd e Pelletier (2008). Este instrumento é composto por 18 itens de crenças sobre bullying e vitimização. A estes itens, as pesquisadoras deste estudo acrescentaram nove questões que são: “A criança praticante de bullying apenas interromperá suas ações se for ignorada pela vítima”; “A melhor maneira de uma vítima de bullying lidar com o problema é pensar que um dia não irá mais conviver com os agressores”; “Os estudantes que praticam bullying precisam aprender a resolver conflitos de modo pacífico”; “Os professores podem ajudar os alunos a se relacionar melhor”; “Os alunos que praticam bullying precisam ser acompanhados pelos professores, para se verificar porque estão sendo agressivos”; “Os alunos que sofrem bullying devem buscar ajuda com os professores”; “É importante aplicar estratégias educativas para que os alunos não se envolvem em bullying”; “Os familiares deveriam conhecer sobre como podem auxiliar na prevenção do bullying”.

Foram realizadas análises de consistência interna e as crenças foram agrupadas em três tipos: Crenças normativas (09 itens / $\alpha = 0,70$); Crenças de esquiva (04 itens / $\alpha = 0,72$); Crenças de aprendizagem (06 itens / $\alpha = 0,68$). O instrumento ainda contém seis itens de percepção de autoeficácia ($\alpha = 0,92$). Os itens são avaliados em termos de frequência em uma escala tipo Likert, de quatro pontos: 1= discordo totalmente; 2=discordo; 3=concordo; 4=concordo totalmente. Os questionários foram aplicados com metade dos docentes participantes antes de uma capacitação sobre violência escolar. O restante dos professores, pertencentes ao grupo controle desta capacitação, respondeu em seus ambientes de trabalho, sob supervisão de autores do estudo ou dos profissionais da Secretaria de Educação.

Os dados foram analisados por meio de análise estatística descritiva (frequência percentual) e inferencial, por meio do software estatístico SPSS, versão 20.0.

RESULTADOS

Caracterização dos sujeitos da pesquisa e das ocorrências de violência a professores e entre alunos segundo docentes

Participaram do estudo 46 professores (62,1% do total de profissionais do município). Os docentes apresentaram média de 39 anos (mínima 22, máxima 56), eram, predominantemente, mulheres

(n=36/78,2%) e alguns possuíam o ensino superior (n=14/ 32,6%), sendo que 48,8% destes concluíram especialização lato sensu e 4,2% finalizaram curso de mestrado. A maioria destes profissionais trabalhava por 20 a 40 horas semanais (n=36/83,7%).

No que se refere à violência sofrida pelos professores por parte de alunos, nos últimos seis meses, nenhum afirmou ter o cabelo puxado propositalmente ou ter sido roubado e furtado na escola. Adicionalmente, cerca de 2% afirmou ter tido seus materiais destruídos de propósito ou ter sido cuspidado propositalmente uma ou duas vezes. Ainda sobre espalhar rumores, 14% afirmaram terem sofrido isso uma ou duas vezes. Ademais, 4,3% dos professores relataram que já foram socados, chutados ou receberam tapas uma ou duas vezes, 4,3% já tropeçaram por ação de alunos e 8,7% tiveram objetos jogados em si propositalmente. No que se refere a agressões verbais, 13,3% dos professores afirmaram ter sido ameaçados por alunos uma ou duas vezes e 26,7% já foram xingados uma ou duas vezes.

Em relação à violência entre alunos, percebida pelos professores, 17,4% afirmaram já ter presenciado alunos que foram roubados na escola; 43,3% viram alunos serem ameaçados por outros e 80% observaram xingamentos entre os alunos. Quando indagados sobre as agressões físicas diretas: 30,5% relataram ter presenciado alunos que cuspiram em colegas; 69,5% já viram alunos jogarem objetos propositalmente em outros; 56,8% assistiram a situações de alunos trocando socos, chutes e/ou tapas e 67,2% dos professores presenciaram alunos fazendo os colegas tropeçarem.

Percepção do professor sobre estratégias em relação às situações de bullying

Ao se analisar as respostas do “Instrumento para investigação das práticas utilizadas por docentes diante da vitimização entre pares”, notou-se, conforme Tabela 1, que os professores consideraram como necessárias as intervenções em ambas as vinhetas apresentadas, seja na que três alunos esbarram em outro aluno de propósito, no corredor da escola, e riem dele (SIT1) ou na que a agressão ocorre dentro da sala de aula na presença do professor, em que há um aluno que é xingado em sala por ser estudioso e participativo (SIT2). Dessa forma, 62,8% dos professores classificaram a SIT1 como tendo um alto grau de gravidade, enquanto que 76,7% consideraram a SIT2 deste modo.

A tabela 1 ainda apresenta dados referentes a se havia situações semelhantes nas turmas de 4º e 5º ano nas quais lecionavam, sendo que 34,9% afirmaram já ter presenciado situações de bullying fora da sala de aula e 37,2% observaram essas situações dentro da sala de aula. Ademais, 79,1% e 93% dos professores afirmaram ter facilidade em lidar com situações de bullying fora e dentro da sala de aula, respectivamente.

Tabela 1 - Percepção do professor em relação às situações de bullying fora e dentro da sala de aula. Guaiúba, Ceará, 2018. (N=43)

	SIT1	SIT2	Z	p
A intervenção do professor é necessária?				
Concordo totalmente e em parte	97,7%	100,0%	1,01	0,34
Discordo totalmente e em parte	2,3%	-		
Nível de gravidade da situação				
Muito alto e alto	62,8%	76,7%	6,70	0,03*
Moderado	34,9%	23,3%		
Baixo	2,3%	-		
Observa situações similares nas turmas				
Sempre e quase sempre	34,9%	37,2%	0,11	0,73
Nunca e quase nunca	65,1%	62,8%		
Tem facilidade para lidar com situações similares				
Concordo totalmente e em parte	79,1%	93,0%	3,48	0,06
Discordo totalmente e em parte	20,9%	7,0%		

Fonte: elaborada pelas autoras.

A partir das vinhetas, foram apresentadas 25 estratégias específicas aos professores para que respondessem o grau de concordância nas atitudes a serem tomadas nas situações apresentadas, sendo as respostas apresentadas na tabela 2.

Tabela 2 - Grau de concordância dos professores com situações de bullying em ambiente escolar, fora e dentro da sala de aula. Guaiúba, Ceará, 2018. (N=46).

Variável	Mediana					Z	p
	SIT1*	SIT2**	SIT1>SIT2	SIT1<SIT2	SIT1=SIT2		
AÇÃO							
DISCIPLINAR							
Chamar a atenção	4	4	0	7	36	2,53	0,01***
Deixar sem recreio ou educação física	3	3	7	6	29	0,50	0,61
Fazer advertência por escrito	3	4	5	10	27	0,00	0,34
Comunicar que comportamentos agressivos não são tolerados	4	4	2	5	34	1,70	0,08
Punir os envolvidos	4	4	4	9	30	0,73	0,46
IGNORAR							
Ignorar o incidente	1	1	3	4	36	1,13	0,25
Deixar que resolvam o problema por si mesmos	1	1	4	4	35	0,07	0,94
Evitar o envolvimento na situação	1	1	7	6	29	0,26	0,79
Não fazer nada	1	1	2	6	38	1,41	0,15
ENVOLVER							
PARES							
Orientar alunos a ajudarem	4	4	8	12	22	0,94	0,34
Discutir com a turma possíveis soluções	4	4	2	10	30	2,32	0,02***
Encorajar o(s) aluno(s) a enfrentar o problema	4	4	5	7	30	0,50	0,61
Buscar a reflexão dos alunos sobre e um consenso na solução do problema.	4	4	2	4	36	0,81	0,41
OFERECER							
SUPORTE							
Encaminhar para orientação, coordenação ou direção	4	4	8	8	25	0,35	0,72
Encaminhar para atendimento	4	4	6	6	28	0,00	1,00

 especializado
ENVOLVER OUTROS ADULTOS

Discutir com outros professores para pensar em soluções	4	4	8	11	23	0,61	0,53
Chamar os pais ou responsáveis para uma conversa	4	4	6	2	34	1,41	0,15
MEDIAR							
Facilitar o diálogo entre os alunos	4	4	3	2	34	0,13	0,89
Aconselhar a parar a briga	4	4	3	7	31	0,05	0,95
Confortar o(s) aluno(s)	3	4	2	17	22	2,99	0,00***
Acolher o(s) aluno(s) e ouvi-los	4	4	1	5	34	1,66	0,09
Discutir opções para resolver a situação	4	4	2	6	35	0,90	0,36
ACOMPANHAR							
Acompanhar a situação	4	4	4	8	28	1,71	0,08
Observar o(s) aluno(s) nos dias seguintes	4	4	6	5	31	0,53	0,59
Monitorar os estudantes	4	4	7	4	31	0,90	0,36

*SIT1 = Situação de bullying ocorrida fora da sala de aula, sem a presença do professor.

** SIT2 = Situação de bullying ocorrida dentro da sala de aula, com a presença do professor.

*** Resultados estatisticamente significantes para o estudo ($p < 0,05$).

Fonte: elaborada pelas autoras.

Observa-se que os participantes concordaram mais com as estratégias quando se refere à situação dentro de sala de aula, sendo que a tabela 2 apresenta que em três houve diferença estatisticamente significativa, em que os professores descreveram com mais relevante realizá-las quando ocorre a SIT2 do que a SIT1, sendo chamar atenção ($p = 0,01$), discutir com a turma possíveis soluções ($p = 0,02$) e confortar o aluno ($p = 0,001$).

Crenças, percepção de autoeficácia e ocorrência de bullying apontadas por professores e alunos

Entre os professores participantes do estudo, 10,8% afirmaram que, em idade escolar, foram vítimas de bullying e 8,6% foram autores de agressões entre pares. A tabela 3 apresenta a relação dos professores vítimas ou autores de bullying, em idade escolar, com suas crenças e percepção de autoeficácia e com a ocorrência de violência a si e aos alunos.

Tabela 3 - Crenças, percepção de autoeficácia e ocorrências de violência apontadas segundo a caracterização do docente como autor ou vítima de bullying em idade escolar. Guaiúba, Ceará, 2018. (N≈35).

Professor Vítima de Bullying		Professor Autor de Bullying	
SIM	NÃO	SIM	NÃO

	(n≈5)		(n≈29)				(n≈4)		(n≈30)			
	Posto Médio	N	Posto Médio	N	Z	p	Posto Médio	N	Posto Médio	N	Z	p
Crença esquiva	8,50	5	19,58	30	-2,26	0,02*	20,00	4	17,17	30	-0,54	0,58
Crença normativa	18,20	5	17,38	39	-0,17	0,86	25,88	4	15,78	29	-1,97	0,04*
Crença aprendizagem	13,20	5	18,24	29	-1,06	0,28	5,67	3	17,62	29	-2,13	0,03*
Percepção autoeficácia	15,80	5	17,79	29	-0,42	0,67	12,00	3	16,97	29	-0,89	0,37
Professor ser vítima de violência e perceber entre alunos	22,30	5	15,43	27	-1,71	0,08	15,63	4	16,06	27	-0,10	0,91
Percepção de violência entre alunos	21,25	5	13,38	24	-1,78	0,07	14,13	4	14,56	24	-0,99	0,92

* Resultados estatisticamente significante para o estudo.

Fonte: elaborada pelas autoras.

Observa-se na tabela 3 que os professores que foram vítimas de bullying destacam como menos efetivas estratégias de esquiva por parte dos alunos para lidarem com o bullying do que os professores que não foram vítimas (crenças de esquiva). Enquanto os professores que foram autores de bullying na infância acreditam mais que o bullying é um fenômeno característico da adolescência, minimizando-o enquanto um problema (crença normativa) e que a partir de vivências destas situações, pode-se aprender habilidades (crença de aprendizagem). Ter ou não se envolvido como vítima ou autor de bullying na infância ou adolescência não se relacionou com a percepção de autoeficácia do professor, a frequência com que sofre violência por alunos ou o quanto percebe violência entre alunos.

A tabela 4 correlaciona escores dos docentes quanto a estratégias para lidar com bullying, crenças diante do problema e percepção de quanto esta violência ocorre. Notou-se que há correlações significativas positivas entre as estratégias “ação disciplinar” e “envolver outros adultos” e entre a estratégia “acompanhar” e as estratégias: “ação disciplinar”, “empoderar alunos” e “envolver outros adultos”. Além disso, também houve correlação negativa significativa entre a estratégia “crenças de aprendizagem” e as estratégias “acompanhar” e “empoderar alunos”. Observa-se, ainda, correlação positiva entre a vitimização sofrida pelo professor e a vitimização entre alunos.

Tabela 4 - Correlação entre variáveis referente a estratégias, crenças e percepção de bullying apontadas por professores. Guaiúba, Ceará, 2018. (N=46).

	Ação disciplina r	Acompanha r	Empodera r alunos	Envolve r outros adultos	Vitimizaçã o do professor	Vitimizaçã o a alunos
Ação disciplinar		0,33*	0,18	0,35*	-0,08	0,11
Acompanhar	0,33*		0,48**	0,55**	0,15	0,14
Empoderar alunos	0,18	0,48**		0,20	0,05	0,04

Envolver outros adultos	0,35*	0,55**	0,20	-0,03	0,06
Crenças de aprendizagem	-0,19	-0,50**	-0,37*	-0,24	0,07
Vitimização do professor	-0,08	0,15	0,05	-0,03	0,67*
Vitimização a alunos	0,11	0,14	0,04	0,06	0,67*

* A correlação é significativa no nível 0,05

** A correlação é significativa no nível 0,01

Fonte: elaborada pelas autoras.

DISCUSSÃO

O perfil sociodemográfico do professor, evidenciado na pesquisa, encontra-se próximo ao nacional, de acordo com o Censo Escolar 2018 (INEP, 2019b). Contudo, este censo aponta que a maior parte dos professores têm nível superior completo, o que não foi corroborado pela presente pesquisa. Esta diferença pode estar relacionada ao fato de que o censo avalia tanto os professores de ensino fundamental, quanto de ensino médio, modalidade esta que exige o ensino superior.

A pesquisa também identificou que existe prevalência significativa de violências nos ambientes das escolas investigadas. Em relação à violência sofrida pelos professores em relação aos alunos, houve predominância de violência indireta e verbal. Este achado é corroborado por metanálise que mostra que a violência verbal e não física são os tipos mais frequentes de agressões de estudantes contra professores (LONGOBARDI et al., 2019). Também se observou alta prevalência de violência entre alunos, o que demonstra que o bullying é um problema real e frequente do município estudado. Os resultados de prevalência de bullying encontrados estão de acordo com os achados de Santos et al. (2014) e Marcolino et al. (2018).

As altas taxas de violência nas escolas, mais especificamente o bullying, relacionam-se aos seus picos de vulnerabilidade, normalmente localizados nos períodos de transição inerentes ao sistema educacional (OLWEUS, 2003). Na realidade brasileira, esses períodos correspondem às mudanças de ciclo, do 5º ao 6º ano, no Ensino Fundamental, e do 9º ano do Fundamental ao 1º ano do Ensino Médio (FISCHER et al., 2010). No que tange especificamente à transição para o 6º ano, nota-se a ocorrência de mudanças significativas na estrutura escolar, no controle disciplinar e nas expectativas de rendimento dos alunos. Os contextos escolares ficam mais amplos, impessoais e passam a demandar maior nível de autonomia e autocontrole comportamental norteado por regras, em virtude da diminuição da intensidade de supervisão direta pela equipe de funcionários (CARROLL, 2009).

Coincide com esse momento, ainda, o início da adolescência, o qual apresenta muitas mudanças no desenvolvimento como, por exemplo, o aumento da busca por autonomia em relação aos adultos, o que potencializa as chances da influência por pares. Assim, corre-se o risco do aumento da vulnerabilidade dos adolescentes às situações de violência, especialmente ao bullying, cujas manifestações tornam-se mais verbais e indiretas na adolescência, dificultando sua identificação pelas autoridades escolares (HERNANDEZ; FLODEN; BOSWORTH, 2010). Essa realidade demonstra que intervenções são necessárias nas escolas em estudo, pois já apresentam índices de violência, antes da fase de transição, ou seja, a tendência é que esses dados se agravem no decorrer dos anos.

Os professores consideraram como imprescindíveis intervenções tanto fora quanto dentro das salas de aula para a redução do bullying. Os estudos internacionais, com dados coletados antes de 2000, tendem a indicar que o bullying se efetivava com mais frequência em espaços não estruturados, como pátio, corredores, refeitórios e quadras, que contam com pouca supervisão de adultos. Porém, nos últimos anos, também tem crescido a prevalência de bullying dentro das salas de aula e nos contextos de aprendizagem, mesmo com a presença dos professores. Enquanto nos espaços estruturados são maiores

as chances de ocorrer formas diretas e mais graves de bullying, nas salas de aulas é mais provável a emissão do bullying verbal e indireto (PERKINS; PERKINS, CRAIG, 2014).

A maioria dos professores também afirmou que tem facilidade em lidar com situações de bullying fora e dentro da sala de aula, o que é contraditório frente ao cenário preocupante de violência entre pares supracitado. Isso indica que há necessidade de capacitá-los para que identifiquem melhor as situações de bullying e aprendam a intervir de forma mais eficaz. Outro fator envolvido pode ser a desejabilidade social, que faz com que os participantes respondam de forma socialmente aceitável em relação à profissão de professor. Na literatura internacional, identifica-se que os professores tendem a intervir em situações de bullying, oferecendo suporte e aconselhando às vítimas sobre como se defenderem e pedir ajuda (BURGER et al., 2015; STASIO; SAVAGE; BURGOS, 2016; YOON; KERBER, 2003). Porém, nem sempre essas intervenções são adequadas ou efetivas para lidar com o bullying. As intervenções dos professores frente ao bullying podem ser divididas em cinco fatores: intervenções baseadas na autoridade, intervenção com o agressor, intervenção com a vítima, envolvimento de outros adultos e omissão em relação ao incidente (BURGER et al., 2015).

Quando questionados sobre suas ações frente às situações de bullying, notou-se que as estratégias de chamar atenção, discutir com a turma possíveis soluções e confortar o aluno são mais frequentes quando o problema ocorre na sala de aula e é mais facilmente perceptível, como um xingamento, do que quando ocorre fora da sala de aula e envolve “fazer o outro tropeçar”. Conjetura-se que os professores devem se sentir mais seguros em realizar intervenções em sala de aula, o que faz com que estas sejam mais comuns e frequentes. As intervenções no contexto de sala de aula parecem exigir um menor custo de resposta em comparação aos ambientes não estruturados, pois os professores, inevitavelmente, já estarão presentes nesse local para ministrarem suas disciplinas, o que os torna responsáveis diretos pelos alunos. Entretanto, as intervenções nesse ambiente também demandam bastante preparo, seja para prevenir a ocorrência de bullying ou para contingenciar adequadamente as respostas agressivas dos alunos, o que torna necessário o desenvolvimento de habilidades de resolução de conflitos, empatia e assertividade. Os referidos achados são corroborados pelo estudo de Bergamo (2016), no qual as intervenções mais indicadas por professores foram: dialogar, acompanhar, mediar e oferecer suporte.

A primeira intervenção, chamar a atenção, encaixa-se na modalidade de estratégia baseada na autoridade (BURGER et al., 2015). Professores que aplicam essa estratégia usam principalmente sua autoridade pessoal para estabelecer limites com repreensões verbais. Porém, somente estratégias baseadas em autoridade são prejudiciais, pois além de não serem efetivas para mudanças a longo prazo, com o tempo podem aumentar os níveis gerais de violência da escola. Dessa forma, é preferível que os professores utilizem de abordagens educativas e não punitivas, como, por exemplo, o modelo da justiça restaurativa.

A segunda estratégia, discutir com a turma possíveis soluções, é destacada por Burger et al. (2015) como uma forma de lidar com o bullying em equipe, o que envolve responsabilizar outros sujeitos pelas decisões. Esse tipo de intervenção fortalece o vínculo professor a aluno, o que aumenta a probabilidade de as testemunhas defenderem a vítima (JUNGERT; PIRODDI; THORNBERG, 2006). Em contraposição, relações conflituosas entre professores e estudantes têm sido associadas a níveis mais altos de vitimização entre pares (LONGOBARDI et al., 2018). Convidar a turma de estudantes a discutir sobre o bullying e propor soluções é uma temática com base na justiça restaurativa.

Em relação à terceira estratégia, confortar a vítima, este estudo encontrou resultados diferentes da pesquisa de Burger et al. (2015), que indicou que os professores eram menos propensos a trabalhar com vítimas. No contexto do bullying, é crucial que se promova atenção diferenciada a esses indivíduos, que na maioria das vezes, são negligenciados por adultos e pelos pares. Dessa forma, os professores devem estar preparados para intervir com o intuito de fortalecer e apoiar o bem-estar e autoestima do aluno alvo de violência, aumentando sua assertividade. Destaca-se que as vítimas estão menos suscetíveis a escapar da relação abusiva por si por conta do desequilíbrio de poder, então é necessário que os professores intervenham no bullying para a cessação da violência.

Estudos apontam (OLDENBURG et al., 2015; VAN DER ZANDEN; DENESSEN; SCHOLTE, 2015) que a maneira como um professor reage em casos de violência no ambiente escolar é

muito importante para o enfrentamento do problema. Ações docentes podem afetar o nível de interações violentas e a forma como os alunos lidam com essas interações (YOON; SULKOWSKI, BAUMAN, 2016). Nesse sentido, Troop-Gordon e Ladd (2015) destacaram que as percepções dos alunos sobre o comportamento de intimidação dos professores estavam relacionadas ao senso de pertencimento escolar, o qual estava associado a níveis mais baixos de vitimização por bullying.

Os professores que foram vítimas de bullying, em idade escolar, destacam como menos efetivas estratégias de esquiva por parte dos alunos para lidarem com o bullying e professores autores de bullying consideram mais as crenças normativas e de aprendizagem. Segundo Burger et al. (2015) existem fatores individuais e contextuais que influenciam na maneira como o professor lida com o bullying. No caso, ter sido vítima ou autor de bullying na escola é um fator que influencia a maneira como os professores perceberão as agressões e se comportarão frente a elas. Kokko e Porhola (2009) indicam que professores que foram vítimas de bullying estão mais sujeitos a confortar os estudantes vítimas e empenhar-se mais na cessação do problema, porque desenvolvem empatia por esses indivíduos. Dessa forma, esses professores estimulam seus alunos a enfrentar o problema e não a se esquivar ou fugir deles. Em contrapartida, os professores que acreditam que o bullying é uma parte normal da infância ou que promoverá aprendizagem estão mais propensos a aconselhar às crianças vitimadas a evitar intimidações ou lidar com estas de forma independente. Além disso, esses professores são menos propensos a disciplinar os perpetradores (SWIFT et al., 2017).

Além do mais, a estratégia “acompanhar” foi a que mais apareceu correlacionada positivamente a outras estratégias, “ação disciplinar”, “empoderar alunos” e “envolver outros adultos”. Este achado pode indicar que “acompanhar” os estudantes envolvidos em bullying envolve monitorar o caso desde a sua identificação, até a sua resolução, caracterizando-se como uma intervenção mais ampla e de longo prazo, que demanda a execução de outras estratégias educativas em conjunto. Corroborando esse achado, Bérnago (2016) define que a estratégia docente “acompanhar” na intervenção antibullying envolve: observar o(s) aluno(s) nos dias seguintes; acompanhar a situação; e monitorar os estudantes. Salienta-se que Burger et al. (2015) encontraram resultados parecidos sobre as estratégias citadas por professores, mostrando que esses profissionais, geralmente, preferem intervenções baseadas na obediência à autoridade, trabalho não punitivo com agressores e o envolvimento de outros sujeitos.

Além disso, também houve correlação negativa significativa entre a estratégia “crenças de aprendizagem” e as estratégias “acompanhar” e “empoderar alunos”. Isso pode apontar para o fato de que as crenças que os professores têm sobre o bullying estão relacionadas com as estratégias que utilizam para lidar com esse problema, o que é corroborado pela literatura (DE LUCA; NOCENTINE; MENESINI, 2019; SAARENTO; GARANDEAU; SALMIVALLI, 2014). No caso, professores que percebem o bullying como um problema sério e não como algo que, de alguma forma, ensina habilidades aos estudantes envolvidos, podem estar mais propensos a intervirem a partir de estratégias não punitivas.

Observa-se, ainda, correlação positiva entre vitimização do professor e vitimização entre alunos, ambas relatadas pelos professores. A referida correlação indica que a violência escolar é um problema complexo que afeta todos os sujeitos da escola, por meio de situações que se encontram inter relacionadas. Por exemplo, estudos mostram que há maiores casos de vitimização em salas de aulas, nas quais os professores têm o histórico de também intimidar os estudantes (AZEREDO et al., 2015; SAARENTO; GARANDEAU; SALMIVALLI, 2014). A literatura também aponta uma associação entre ser vítima e/ou autor de bullying e sofrer violência por parte do professor (BANZON-LIBROJO; GARABILES; ALAMPAY, 2017; LUCAS-MOLINA et al., 2015). Se as relações que o professor estabelece com seus estudantes forem com base na violência e na punição, este profissional criará um contexto escolar no qual as práticas agressivas e de desrespeito são vistas como permitidas e naturalizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções e crenças dos professores em relação ao bullying e ao enfrentamento da violência escolar, bem como o histórico de envolvimento desses docentes em bullying na infância, mostraram-se variáveis importantes na maneira como esses profissionais agirão frente às práticas de intimidação e vitimização entre pares. Dessa forma, para a construção de programas multiníveis mais

eficazes de enfrentamento da violência escolar, é necessário que os pesquisadores da saúde e educação identifiquem essas variáveis e aprofundem o entendimento de como elas se relacionam.

No que tange às limitações apresentadas pela presente pesquisa, esta foi realizada com amostra pequena, estabelecida por conveniência, e com delineamento transversal, com recorte temporal e geográfico, o que gera relevantes vieses e impossibilita inferir, com maior grau de certeza, às relações de causalidade entre as variáveis. Esse contexto também dificulta a generalização dos resultados desse estudo para outros contextos. Em decorrência do exposto, recomenda-se que mais estudos sejam realizados sobre crenças, autoeficácia e estratégias de professores frente ao bullying, com base em delineamentos longitudinais e com amostras mais representativas da população. De todo modo, apesar das limitações, observa-se que a investigação oportunizou a obtenção de dados interessantes que corroboram com estudos a nível nacional e internacional e que podem contribuir para a construção de intervenções no contexto escolar para o enfrentamento do bullying.

REFERÊNCIAS

ARSENEAULT, Louise. Annual Research Review: The persistent and pervasive impact of being bullied in childhood and adolescence: implications for policy and practice. *Journal of child psychology and psychiatry*, v. 59, n. 4, p. 405-421, 2018. <<https://doi.org/10.1111/jcpp.12841>>

AZEREDO, Catarina Machado et al. School bullying: A systematic review of contextual-level risk factors in observational studies. *Aggression and Violent Behavior*, v. 22, p. 65-76, 2015. <<https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.04.006>>

BANZON-LIBROJO, Lorelie Ann; GARABILES, Melissa R.; ALAMPAY, Liane Peña. Relations between harsh discipline from teachers, perceived teacher support, and bullying victimization among high school students. *Journal of Adolescence*, v. 57, p. 18-22, 2017. <<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.03.001>>

BÉRGAMO, Letícia Nagel. *Vitimização entre pares e práticas docentes no ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45686/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20NAGEL%20BERGAMO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04/02/2019.

BISWAS, Tuhin et al. Global variation in the prevalence of bullying victimisation amongst adolescents: Role of peer and parental supports. *EClinicalMedicine*, v. 20, 1-8, 2020. <<https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2020.100276>>

BRASIL. *Lei N° 13.185, de 6 de novembro de 2015*. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União, v. 152, n. 213, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm>. Acesso em: 10/02/2019.

BURGER, Christoph et al. How teachers respond to school bullying: An examination of self-reported intervention strategy use, moderator effects, and concurrent use of multiple strategies. *Teaching and Teacher Education*, v. 51, p. 191-202, 2015. <<https://doi.org/10.1016/j.tate.2015.07.004>>

CARROLL, Annemaree et al. Self-efficacy and academic achievement in Australian high school students: The mediating effects of academic aspirations and delinquency. *Journal of adolescence*, v. 32, n. 4, p. 797-817, 2009. <<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.10.009>>

CUNHA, Josafá Moreira da. *O papel moderador de docentes na associação entre a violência escolar e ajustamento acadêmico*. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34643/R%20-%20T%20-%20JOSAFA%20MOREIRA%20DA%20CUNHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04/02/2019.

DE LUCA, Lisa; NOCENTINI, Annalaura; MENESINI, Ersilia. The teacher's role in preventing bullying. *Frontiers in Psychology*, v. 10, p. 1-9, 2019. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01830>

EVANS-LACKO, Sara et al. Childhood bullying victimization is associated with use of mental health services over five decades: a longitudinal nationally representative cohort study. *Psychological medicine*, v. 47, n. 1, p. 127-135, 2017. <https://doi.org/10.1017/S0033291716001719>

FANTAGUZZI, Catherine et al. Health-related quality of life associated with bullying and aggression: a cross-sectional study in English secondary schools. *The European journal of health economics*, v. 19, n. 5, p. 641-651, 2018. <https://doi.org/10.1007/s10198-017-0908-4>

FISCHER, Rosa Maria et al. *Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final*. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/259085-Pesquisa-bullying-escolar-no-brasil-relatorio-final.html>. Acesso em: 03/03/2019.

HERNANDEZ, Diley; FLODEN, Lysbeth; BOSWORTH, Kris. How safe is a school? An exploratory study comparing measures and perceptions of safety. *Journal of School Violence*, v. 9, n. 4, p. 357-374, 2010. <https://doi.org/10.1080/15388220.2010.508133>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Guaiúba, Ceará, Brasil*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/guaiuba/panorama>. Acesso em: 10/04/2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 10/04/2019.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *IDEB – Resultados e Metas*. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=27491>. Acesso em 10/04/2019a.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Notas estatísticas, Censo Escolar 2018*. Brasília: INEP, 2019b. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf. Acesso em 10/04/2019.

JIMÉNEZ-BARBERO, Antonio et al. Effectiveness of anti-bullying school programs: A meta-analysis. *Children and Youth Services Review*, v. 61, p. 165-175, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2015.12.015>

JUNGERT, Tomas; PIRODDI, Barbara; THORNBERG, Robert. Early adolescents' motivations to defend victims in school bullying and their perceptions of student– teacher relationships: A self-determination theory approach. *Journal of adolescence*, v. 53, p. 75-90, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.09.001>

KOCHENDERFER-LADD, Becky; PELLETIER, Marie E. Teachers' views and beliefs about bullying: Influences on classroom management strategies and students' coping with peer victimization. *Journal of school psychology*, v. 46, n. 4, p. 431-453, 2008. <<https://doi.org/10.1016/j.jsp.2007.07.005>>

KOKKO, Teemu HJ; PÖRHÖLÄ, Maili. Tackling bullying: Victimized by peers as a pupil, an effective intervener as a teacher? *Teaching and Teacher Education*, v. 25, n. 8, p. 1000-1008, 2009. <<https://doi.org/10.1016/j.tate.2009.04.005>>

LONGOBARDI, Claudio et al. Prevalence of student violence against teachers: A meta- analysis. *Psychology of Violence*, 2019. <<https://doi.org/10.1037/vio0000202>>

LONGOBARDI, Claudio. et al. Student-teacher relationships and bullying: the role of student social status. *Journal of Adolescence*, v. 63, p. 1-10, 2018. <<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.001>>

LUCAS-MOLINA, Beatriz et al. Effects of teacher–student relationships on peer harassment: a multilevel study. *Psychology in the Schools*, v. 52, n. 3, p. 298-315, 2015. <<https://doi.org/10.1002/pits.21822>>

MARCOLINO, Emanuella et al. Bullying: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enfermagem*, v. 27, n. 1, 2018. <<https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>>

MUCHERAH, Winnie et al. The relationship of school climate, teacher defending and friends on students' perceptions of bullying in high school. *Journal of Adolescence*, v. 62, p. 128-139, 2018. <<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.11.012>>

OLDENBURG, Beau et al. Peer and self-reported victimization: Do non-victimized students give victimization nominations to classmates who are self-reported victims? *Journal of school psychology*, v. 53, n. 4, p. 309-321, 2015. <<https://doi.org/10.1016/j.jsp.2015.05.003>>

OLWEUS, Dan. School bullying: Development and some important challenges. *Annual review of clinical psychology*, v. 9, p. 751-780, 2013. <[10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516](https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516)>

OLWEUS, Dan. A profile of bullying at school. *Educational leadership*, v. 60, n. 6, p. 12-17, 2003.

PERKINS, H. Wesley; PERKINS, Jessica M.; CRAIG, David W. No safe haven: Locations of harassment and bullying victimization in middle schools. *Journal of School Health*, v. 84, n. 12, p. 810-818, 2014. <<https://doi.org/10.1111/josh.12208>>

RETTEW, David C.; PAWLOWSKI, Sara. Bullying. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics*, v. 25, n. 2, p. 235-242, 2016. <<https://doi.org/10.1016/j.chc.2015.12.002>>

SAARENTO, Silja; GARANDEAU, Claire F.; SALMIVALLI, Christina. Classroom- and School-Level Contributions to Bullying and Victimization: A Review. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 25, p. 204–218, 2015. <<https://doi.org/10.1002/casp.2207>>

SANTOS, Jalber Almeida dos et al. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública*, v. 16, p. 173-183, 2014. <<https://doi.org/10.15446/rsap.v16n2.30302>>

STASIO, Maria Rosaria; SAVAGE, Robert; BURGOS, Giovanni. Social comparison, competition and teacher–student relationships in junior high school classrooms predicts bullying and victimization. *Journal of Adolescence*, v. 53, p. 207-216, 2016. <<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.10.002>>

SOURANDER, Andre et al. Association of bullying behavior at 8 years of age and use of specialized services for psychiatric disorders by 29 years of age. *JAMA psychiatry*, v. 73, n. 2, p. 159-165, 2016. <<https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2015.2419>>

STELKO-PEREIRA, Ana Carina. *Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia*. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5974/4683.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04/02/2019.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em psicologia*, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010.

STROHMEIER, Dagmar; NOAM, Gil G. Bullying in schools: What is the problem, and how can educators solve it? *New Directions for Youth Development*, v. 2012, n. 133, p. 7-13, 2012. <<https://doi.org/10.1002/yd.20003>>

TROOP-GORDON, Wendy; LADD, Gary W. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: Associations with students' aggressive behavior and peer victimization. *Journal of abnormal child psychology*, v. 43, n. 1, p. 45-60, 2015. <<https://doi.org/10.1007/s10802-013-9840-y>>

VAN DER ZANDEN, Petric JAC; DENESSEN, Eddie JPG; SCHOLTE, Ron HJ. The effects of general interpersonal and bullying-specific teacher behaviors on pupils' bullying behaviors at school. *School Psychology International*, v. 36, n. 5, p. 467-481, 2015. <<https://doi.org/10.1177/0143034315592754>>

VEENSTRA, René et al. The role of teachers in bullying: The relation between antibullying attitudes, efficacy, and efforts to reduce bullying. *Journal of Educational Psychology*, v. 106, n. 4, p. 1135, 2014. <<https://doi.org/10.1037/a0036110>>

VERSEVELD, Marloes D. A. van et al. Effects of antibullying programs on teachers' interventions in bullying situations. A meta-analysis. *Psychology in the Schools*, v. 56, p. 1522-1539, 2019. <<https://doi.org/10.1002/pits.22283>>

YOON, Jina S.; KERBER, Karen. Bullying: Elementary teachers' attitudes and intervention strategies. *Research in Education*, v. 69, n. 1, p. 27-35, 2003. <<https://doi.org/10.7227/RIE.69.3>>

YOON, Jina; SULKOWSKI, Michael L.; BAUMAN, Sheri A. Teachers' responses to bullying incidents: Effects of teacher characteristics and contexts. *Journal of school violence*, v. 15, n. 1, p. 91-113, 2016. <<https://doi.org/10.1080/15388220.2014.963592>>

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Autora 1 – Coordenadora do projeto, coleta e análise dos dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

Autor 2 – Coordenadora do projeto, coleta e análise de dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

Autor 3- Coleta de dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

Autor 4 – Coleta de dados, escrita do texto e revisão da escrita final.

Autor 5 – Escrita do texto e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.